

Textos

Kassiê de Carvalho

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Ano : 2016

Título : A Índia

Categoria: Contos

Descrição: Ela chegou em casa exausta, várias horas depois do que costumava. O dia de trabalho havia se estendido para muito além do que ela estava preparada. Trancou a porta, largou a bolsa no sofá e foi até a cozinha.

Ela chegou em casa exausta, várias horas depois do que costumava. O dia de trabalho havia se estendido para muito além do que ela estava preparada. Trancou a porta, largou a bolsa no sofá e foi até a cozinha.

Já passava das 22h e ela reparou, ao dar uma rápida olhadela pelo vidro da sacada, que a rua estava bem mais movimentada do que nas noites anteriores.

Tratou o peixinho de aquário, Oliver, pegou um cigarro, solicitou o serviço da secretária eletrônica e abriu a sacada para que a brisa noturna e barulhenta da cidade grande pudesse invadir o interior da sua solidão.

Sentou-se na cadeira de praia que deixava lá fora sempre, sentindo o vento fresco no rosto e prestando atenção às mensagens deixadas a ela durante o dia.

A primeira foi da síndica do prédio, pedindo pra que ela começasse a comparecer às reuniões que promovia semanalmente. A mulher, uma senhora roliça, deixava uma dessas toda semana. A questão era: pra que tantas reuniões? Sabia que não precisava comparecer a todas, pois nada de muito importante acontecia. Francamente, uma reunião por mês estava ótimo; conhecia os vizinhos, se

atualizava sobre as novidades do condomínio e, vez por outra, soltava uma opinião aqui, outra lá, só pra não deixar em branco.

A segunda era do cara do encanamento, o Julian. Tinha ligado desmarcando o serviço da próxima terça-feira, que ela tinha contratado há semanas. Disse que “surgiram umas paradas aí”. Ok...

Na terceira ela gelou. Quis a todo custo ter alguma reação -qualquer uma- mas não conseguiu. Parecia que virara pedra: por mais que quisesse, não conseguia se mexer. Aquela voz grave e determinada enchera o ambiente ao seu redor e de repente o ar ficara pesado demais, parecendo impossível de respirar. Ela continuava imóvel.

-- Oi, Kath. Sou eu... Bem, hum, eu andei pensando em tudo o que aconteceu, em tudo o que a gente viveu nos últimos cinco anos e fiquei em dúvida. Quanto nós valemos pra nós mesmos pra jogarmos, assim, tudo fora, do dia pra noite? Nós erramos, eu sei. Nós erramos um com o outro e cada um consigo mesmo. Nós nos equivocamos em todas as últimas decisões que tomamos. Você não acha? Você não sente saudades? Você tá feliz? Eu não tô feliz. Eu era feliz há quatro meses. E em todos os cinco anos que antecederam esses quatro meses. Kath, a gente precisa conversar. Me liga assim que ouvir, eu quero muito conversar com você. Conversar que nem adultos e resolver nossos problemas da melhor forma possível. Eu vou pra Índia hoje às 20h30min, queria saber como você tá. Então... Era isso. Me liga, Kath.

Houve um chiado alto. E mais nada.

Ela permaneceu imóvel pelo minuto que se seguiu ao chiado e só então conseguiu se mexer. O corpo já não parecia mais tão retesado, mas ainda era difícil respirar. Espichou o pescoço pra olhar a hora no relógio que pendia desafiador, na parede da cozinha. 22h17min. O relógio parecia zombar dela.

Claro que não estava feliz e era óbvio que sentia saudades. “Bem” ocupava a última posição em sua lista de “Coisas que eu estou”. Ela precisava falar com Bill. Ela não só precisava, como queria mais do que qualquer outra coisa falar com ele.

Índia. A essas horas ele estava longe. Ia ter que esperar até a manhã seguinte. Ela não queria esperar. Ela não queria que ele estivesse na Índia. Os últimos quatro meses ocuparam o lugar da lista dela de “Piores dias da vida”. Ela não via graça em nada e o mundo passara a ser cinza.

Ela tinha que falar com ele. Aqui e agora. Índia? Ela sentia náuseas só de pronunciar o nome dentro da mente. Índi... Ela o queria na sua sala. Agora. Tirando sarro do peixinho dourado dela que tinha cara de siri. Ele sempre dizia isso.

De repente, ela se deu conta de que amava cada birra, cada piada, cada oscilação de humor. Ela adorava o cabelo bagunçado que ele cultivava e, na verdade, não tava nem aí pra roupa atirada no canto do banheiro. De uma hora pra outra, ela percebeu que, quando ele passou pela última vez por aquela porta que ela havia acabado de trancar, uma parte dela fora junto. A melhor parte dela fora junto.

De um minuto pro outro, ela descobriu que o lugar dele era ao lado dela, assim como, o lugar dela não era em nenhum outro lugar se não ao lado dele.

Ela quis berrar, chamar, fazer ele voltar. Ela quis que o mundo soubesse que ele era dela e de mais ninguém. Ela quis confessar pra quem quisesse ouvir que ela foi uma idiota por ter convencido ele a ir e não ter feito nada pra que ele ficasse.

Ela quis tomá-lo pra si, esquecendo do mundo que há lá fora. Ela quis de volta cada dia daqueles cinco anos.

Ela ia ligar de manhã, ia lembrar que ele ama a voz sonolenta que ela tem antes das 9h da manhã. Ela ia dizer que estaria tudo bem com ela se estivesse tudo bem com ele. Ela ia pedir pra ele voltar e ia contar que o lado direito da cama continuava intocado desde que ele fora. E ele... Ah, ele ia saber que era tudo verdade...

Desde a mensagem, ela era toda sorrisos, pensando no que aconteceria dali pra adiante.

O ar lá fora ficara frio demais e, na mesma hora, o barulho doía ao ouvidos; ela já não estava mais sozinha. Podia até sentir ele de volta dentro de casa, preparando panquecas às 7h da manhã, enquanto ela arrumava o cabelo e contava a ele quais eram os planos para o dia.

Sentou-se ao sofá fofinho, aninhando-se em meio às almofadas, lembrando o quão sexy ele a acharia naquele momento e ligou a TV. O noticiário entrava no plantão. A notícia era um avião atacado por terroristas: “todos os ocupantes do voo morreram” falou o homem esguio do lado de dentro da tela. O destino que tinha a aeronave? A Índia.

Ano : 2017

Título : A melhor casa do meu mundo

Categoria: Contos

Descrição: Era umas quatro da tarde de um sábado quente e seco. Embora eu sempre tenha preferido o calor, caminhava apressada pelas ruas da cidade, almejando chegar logo a alguma praça com árvores grandes para me abrigar à sombra.

Era umas quatro da tarde de um sábado quente e seco. Embora eu sempre tenha preferido o calor, caminhava apressada pelas ruas da cidade, almejando chegar logo a alguma praça com árvores grandes para me abrigar à sombra. Já havia andado muito e os efeitos da longa exposição ao sol forte afetavam meus sentidos. Viver no Sul do país é bem diferente do que se pensa nas outras regiões brasileiras.

Consegui chegar ao primeiro banco da Praça Tamandaré, quase em frente ao maior hospital do Norte do Estado. Sentia-me bastante tonta no momento em que repousei no banco, mas ainda era capaz de prestar atenção em tudo o que acontecia à minha volta. Fiquei ali, quieta, observando aquela tarde ensolarada e as pessoas que a compunham. As crianças passeando com seus pais; os cães passeando com seus donos; os adolescentes passeando com seus pares; e eu passeando sozinha. Eu sempre gostei de ficar analisando os comportamentos sociais alheios, fazendo comparações de uns para os outros e anotando mentalmente toda e qualquer coisa que eu ainda não tinha notado sobre os humanos e suas relações interpessoais.

-- Posso me sentar aqui?

Saí do transe da análise social em um salto. Tinham se passado cerca de 15 minutos desde que eu havia chegado. Olhei para o lado e fui visualizando aos poucos aquela figura. Primeiro a silhueta, depois os detalhes foram ficando mais nítidos. Era uma senhora de presença marcante. Uma fisionomia imponente.

Assenti, ao mesmo tempo em que dei uma olhadela discreta ao redor da praça, a fim de garantir que aquele era, de fato, o único banco com um lugar vago para que ela se sentasse. Como eu já havia imaginado, não era, mas bem lá no fundo da alma eu acreditava que iria apreciar aquela companhia. Além do mais, algo naqueles traços me fazia crer que eu já a conhecia de algum lugar.

Assim que dei sinal verde para que ela ficasse ali junto a mim, um sorriso doce se abriu, diminuindo os olhos dela e deixando à mostra os dentes bem cuidados. Não tardou mais do que meio minuto para que a conversa começasse a ser incentivada por ela. A senhora me fez várias perguntas breves. Respondi a todas, nem sempre retribuindo a dúvida, porque eu, de verdade, não tinha aquelas dúvidas.

De repente, surgiu a fatídica e inesperada pergunta:

-- Como era a casa da sua infância?

Abri a boca, incrédula e imóvel e devo ter ficado desse mesmo jeito durante vários segundos, pois eu não conseguia pensar em uma reação coerente para o momento. “A casa da minha infância??”, pensei eu, abismada. Eu nunca tinha me perguntado isso, mas agora queria saber era o porquê de ela ter me feito tal questionamento. Talvez cansada de esperar, ela tomou, mais uma vez, a frente da conversa e começou a dissertar a sua história.

-- Alta, robusta, muito simples, porém, única. Sobre a casa da minha infância eu não tenho muito o que contar: ela faz isso sozinha, menina! Enquanto as outras crianças, da escola ou da vizinhança, construía todos os dias um pouquinho das suas histórias em uma única casa, eu era a criança que se mudava de pouco em pouco. Pulando de um bairro pro outro. Eram dois, quatro, oito meses. Um ano, ou dois, no máximo, em cada casa. Não dava tempo de colocar num enredo as histórias que eu conseguia em cada uma.

Eu não entendia o que estava acontecendo. Pensei em simplesmente me levantar, pedir desculpas e ir embora. Mas ela prosseguiu antes que eu pudesse fazer qualquer coisa.

-- Eu tenho, é claro, um espaçozinho especial pra elas, individualmente, dentro da minha memória. Às vezes, eu paro, conto e reconto tudo, nem que seja pra

mim mesma, as coisas que aconteceram de uma pra outra. O que eu vi, o que eu cresci e aprendi. Coloco em ordem cronológica todos os principais acontecimentos que ficaram pregados no meu mural interior. Mas no topo da lista, aquela casa está sempre lá.

Nessa hora eu me dei por conta de que estava prestando atenção em cada palavra do que ela falava. De repente, a conversa ficou tão interessante que eu mal respirava para poder ouvir todas as pequenas peças daquele quebra-cabeça.

-- As descobertas da vida, os aprendizados, as grandes lições que eu tive nas outras casas... É certo que tudo isso ficou marcado em mim, mas nada se compara ao que aconteceu naquela casa. Sabe, menina... Tem horas que a gente precisa olhar as coisas com outras lentes, de outros ângulos, pra poder ver direito. Acho que foi isso o que eu fiz, e acabei descobrindo qual foi a melhor casa do meu mundo.

Eu estava pronta para perguntar qual foi a dita melhor casa do mundo quando ela me interrompeu, em um tom mais incisivo do que nunca.

-- A casa da minha infância é aquela que eu troquei as maçanetas, pintei as paredes e trouxe visitas. É aquela na qual eu construí um puxadinho e fiz dela o melhor lugar que eu poderia ter. Ela nunca foi um lugar físico. A casa da minha infância sempre fui eu e, assim como há cinco, há dez, há quinze anos, a casa da minha vida vai sempre continuar sendo eu mesma.

Fitei suas mãos enrugadas por um tempo. Ela entendeu que eu precisava daquele silêncio. Foi então que, num susto, percebi que ela estava se aprontando para ir embora.

-- O papo tá bom, mas agora eu preciso ir. Foi bom conversar com você.

Ela deu dois passos vagarosos, enquanto eu não pude conter a inquietação que me veio à tona. Sem pensar muito no que estava fazendo, gritei:

-- Ei! Espere! Me diga qual é o seu nome!

Ela olhou para trás, por cima do ombro, e com aquele mesmo sorriso doce respondeu em um tom leve:

-- O meu nome? É o mesmo que o seu, ué!

Sorriu com um pouco mais de intensidade, virou-se para frente e seguiu seu caminho.

Kassiê de Carvalho

Ano : 2015

Título : Entre pombas e urubus

Categoria: Contos

Descrição: Peter tinha desejos esquisitos. Entre eles: saber voar. Sempre achou bela a capacidade de poder explorar o mundo do alto, com o vento batendo no rosto.

Peter tinha desejos esquisitos. Entre eles, saber voar. Sempre achou bela a capacidade de poder explorar o mundo do alto, com o vento batendo no rosto. Assim, como sempre pensou que no ar o caos se dissipa e é possível que se viva em paz.

- Por que a pomba é o símbolo da paz? - indagava ele frequentemente a quem achava estranha a sua maior vontade.

As pessoas lhe davam respostas como:

- Ora! É porque ela é branca!

Mas ele sempre fazia questão de dar-lhes a sua versão da história, explicando que as pombas são capazes de conquistar a paz com seu dom divino.

- Vocês não entendem! Os pássaros voam alto e mais alto para buscar a paz que eles não têm em terra. A pomba em especial, porque voa com graciosidade, - alegava toda vez que entrava em discussões semelhantes.

Peter queria voar, disso não tínhamos dúvidas. Matutava planos, estudava o voo, observava os pássaros - tanto os vivos, quanto os mecânicos, que foram feitos pelo homem -, mas queria sempre mais: queria fazer parte daquilo.

Formou-se aviador e, em parte, realizou seu desejo de viver nas alturas, proporcionando a outras pessoas a oportunidade de tirar os pés do chão e ver o mundo muitas milhas acima da superfície terrestre.

Entretanto, obedecendo às leis da humanidade, tudo o que passa a ser rotina deixa de ser incomum. Chegou um momento na vida em que Peter já não sentia mais emoção em voar. O ato era corriqueiro e, em uma manhã de sexta-feira, descobriu que na água, na terra ou no ar, o caos sempre está presente.

Por ironia do destino, naquela bela manhã, Peter não agiu como pombas, mas, como urubus: voou, voou e voou atmosfera afora até se perder no espaço sideral.

Uma falha mecânica podou as asas de Peter e de outras 170 pessoas que estavam a bordo. O avião pegou fogo no ar e chocou-se contra o chão numa praia deserta em algum lugar da Europa.

Encontraram as 170 pombinhas, mas não o urubuzinho Peter, que voou até que não houvesse mais ar, para que não o pudéssemos encontrar.

Data : 14/02/2017

Título : Mia

Categoria: Contos

Descrição: O relógio marcava algum horário entre as 8h15min e 8h20min da manhã. Não sei ao certo porque já não enxergava muito bem.

-- Bom dia, senhoras. Desculpem o atraso...

O relógio marcava algum horário entre as 8h15min e 8h20min da manhã. Não sei ao certo porque já não enxergava muito bem. Naquele dia, os óculos tinham ficado para trás, o que significava uma adaptação melhor dos outros sentidos para garantir que eu passasse no teste do mundo mais uma vez, o que quer dizer, também, que essa história pode ter até gosto. Não me culpem.

Enquanto o ponteiro maior do relógio se posicionava entre os números três e quatro, ela adentrava aquela grande sala lotada de senhoras simpáticas beirando a terceira idade, embora eu não saiba ao certo quando uma pessoa chega a terceira idade. Resumindo, eram senhoras a partir dos seus 50, digamos.

Ela entrou na sala trazendo o ar da primavera junto consigo. De repente, senti aquele cheiro adocicado e vislumbrei cores mais vivas e vibrantes a minha frente. Parecia que a sala acordava naquele instante. Mia entrou desculpando-se pelo atraso de quase 20 minutos, que tivera. O início da aula estava marcado para as 8h. Sempre estava marcado para as 8h. E ela nunca havia se atrasado. Saudou as senhoras e desculpou-se. Pelo jeito, ainda não havia me notado sentado rente à parede, à sua esquerda. Continuou interagindo com as senhoras.

Mia era por si só uma pessoa doce, dessas que fazem você sorrir a qualquer custo, em qualquer situação. Acabara de se formar na faculdade e agora prestava serviço voluntário as terças-feiras num grupo social que não visava lucros. Nas terças-feiras, aquelas senhoras tinham aulas de artes com Mia. Pintura em tela, no papel, recorte, criação, música... Mia fazia de tudo para vê-las alegres, depois de tudo o que passaram. Como sabia pelo que elas tinham passado? Mia sempre sabia. Sempre fora assim. Mas isso não era truque de mágica, não... Ela sabia por que queria saber.

Quando pequenininha, Mia ia a nossa casa todas as manhãs tomar café com leite. Nossa casa era um lugar sempre repleto de pessoas e Mia era parte da nossa rotina. Chegava sempre sorridente, pegava a sua xícara com o pingado quentinho e se sentava à beira da varanda. Sempre que alguém se aproximava ela, com aquele olhar acolhedor e meigo ia logo perguntando:

-- Qual a sua história?

E as pessoas lhe contavam suas histórias. E ela ficava feliz com aquilo.

Quando começou a frequentar o grupo social, como professora de artes, Mia pediu a cada uma qual era a sua história. E elas contaram, porque Mia cativava as pessoas. Nenhuma tinha uma história fácil, então ela sabia da importância em ser gentil com todas elas e com todas as pessoas do mundo, afinal, todos têm momentos difíceis nas suas coleções de histórias.

Aparentemente, a turma retribuía a gentileza que ela exalava.

Enquanto eu me perdia em pensamentos, lembrando de como era a pequena Mia e de como era magnífico ver aquele pequeno grande ser humano se tornando alguém que fosse fazer a diferença na vida das pessoas, algo nada habitual acontecia lá na frente. Em poucos segundos, sua mesa estava rodeada de senhoras e um choramingo se escutava, abafado no meio da multidão de mulheres.

Como se fosse coreografia, todas elas se abaixaram em frente à classe de Mia enquanto ela dizia por entre lágrimas e soluços:

-- Meu avô morreu.

O relógio ainda marcava alguma coisa entre as 8h15min e 8h20min, mas, agora eu entendia por que ela ainda não havia me visto naquela sala.